

# **CARTA A C. SEGUIDA DE TRÊS CARTAS A E. OU ESTOU COMO QUE SOBRE CARTAS E GEOGRAFIAS**

**LETTER TO C. FOLLOWED BY THREE LETTERS TO E. OR I'M  
KIND OF ABOUT LETTERS AND GEOGRAPHIES**

**CARTA A C., SEGUIDO DE TRES CARTAS A E. O YO ESTOY  
ALGO ASÍ COMO CARTAS Y GEOGRAFIAS**

## RESUMO

Belo Horizonte, 15 de junho de 2020. Caríssimo, envio aqui esta carta resumo. Como você pode perceber, estão em anexo correspondências escritas nos últimos três anos, entre 2017 e 2019. Algumas encontraram os Correios, outras apenas foram enviadas para seu verdadeiro interlocutor: a posteridade. Tive tanta sorte em encontrá-las! Não exatamente pela velocidade da comunicação dos dias de hoje, mas pelo tanto que elas nos dão a pensar. Você vai notar que algumas chegam a tratar expressamente de geografia, outras, não. Mas eu acho isso o máximo: poder pensar geografia com aquilo que não é, de maneira óbvia, geografia! Bem, não posso ter (nem te alimentar) maiores expectativas. Mas aguardo ansioso a sua resposta, pois... estou como que sobre cartas e geografias. Com carinho, de seu amigo.

**Palavras-chave:** Gênero epistolar. Geografia e literatura. Espinosa. Deleuze e Guattari. Geografia humanista.

## ABSTRACT

Belo Horizonte, June 15, 2020. Dearest, here it is this summary letter. As you can see, there are attached correspondences written in the last three years, between 2017 and 2019. Some of them sent through the Post Office, others were only sent to their true interlocutor: the posterity. I was so lucky to find them! Not exactly because of the speed of communication nowadays, but because of how much they make us think. You will note that some of them even approach geography clearly, others do not to. But I think that's great: being able to think geography with what is not obviously geography! Well, I can't have (or feed you) higher expectations. But I look forward to your response, because ... I'm kind of about letters and geographies. With affection, from your friend.

**Keywords:** Epistolary genre. Geography and Literature. Spinoza. Deleuze and Guattari. Humanist Geography.

## RESUMÉN

Belo Horizonte, 15 de junio de 2020. Querido, aquí está esta carta resumen. Como puedes ver, hay correspondencias adjuntas escritas en los últimos tres años, entre 2017 y 2019. Algunas se encontraron los correos, otras solo se enviaron a su verdadero interlocutor: la posteridad. ¡Tuve mucha suerte de encontrarlas! No exactamente por la velocidad de comunicación actual, sino por cuánto nos hacen pensar. Tú lo notarás que algunas incluso se ocupan claramente de la geografía, otras no. Pero creo que esto es genial: ¡poder pensar en geografía con lo que no es geografía, de hecho! Bueno, no puedo tener (o alimentarlo) mayores expectativas. Pero espero tu respuesta, porque ... Estoy algo así como cartas y geografías. Con cariño, de tu amigo.

**Palabras-clave:** género epistolar. Geografía y literatura. Spinoza. Deleuze y Guattari. Geografía Humanista.

Rio de Janeiro, 13 de junho de 2017.

Cara C.,

Recebi sua carta com apreensão e alegria. Penso que o programa de pós-graduação deveria considerar o pedido delas e permitir a prorrogação do prazo. A história toda é muito impressionante. Por vezes nos sentimos incapazes de escrever, de pensar, de viver. Não é uma questão de escolha, ou mesmo voluntarismo – “hoje escolho escrever!”, muito menos a nossa velha conhecida procrastinação. Estamos falando de condições reais muito desfavoráveis ao estudo e à pesquisa. Despontencializante mesmo.

A intervenção militar no Rio de Janeiro piorou muito a situação. Não estou falando de mim e de você, claro – somos privilegiadas, moramos em Laranjeiras, estamos bem distantes disso tudo. Mas elas são diretamente impactadas pelo que acontece. Você sabia que elas moram na Maré? Pois é. Se nos sentimos sufocadas com toda essa situação de merda em que estamos, politicamente, socialmente, economicamente, imagina quem convive diariamente sob tiro cruzado, tendo seus direitos atropelados e cidadania devassada. Moram em uma favela no Rio sob intervenção.

Eu entendo perfeitamente a situação delas. Fico pensando muito nisso. Você sabe que o pensamento só se torna possível através do encontro. Encontrar livros, obras, outras pessoas, outros pensamentos... encontrar lugares, encontrar nos lugares.

Eu penso é nisso, de forma bem espinosana. Há encontros que aumentam a nossa capacidade de pensar e agir, são inegavelmente alegres.

O lugar é uma composição de múltiplos corpos em encontro. Penso na geofilosofia, tal qual Deleuze e Guattari escreveram em 1991 em “O que é a filosofia?”. Certos encontros realizam certas potências de um meio. A potência do meio não guarda em si positividade ou negatividade, mas que determinado evento ou experiência em um certo tempo só poderiam acontecer em um determinado lugar.

Há encontros com lugares que não são empáticos. O antiético, o intolerável, que atenta contra a existência, contra o conatus – esse esforço que nós somos em perseverar na existência, como diria Bento. Encontros que nos tornam impotentes... que interrompem - o pensar, o agir, *uma vida*.

Mas há as linhas de fuga... “um pouco de possível, senão eu sufoco” (ah, Deleuze!) ... As meninas, incapacitadas de agir, de escrever suas dissertações de mestrado e você sabe o que elas fizeram? Não posso dizer que foi algo totalmente calculado ou completamente espontâneo, mas elas começaram a escrever uma para outra. Escreviam de suas aflições, suas perturbações, seus planos, suas ideias... quando se deram conta, estavam dissertando sobre os seus temas de mestrado! Se o Estado não permite que duas mulheres negras, moradoras da favela, mestrandas, desenvolvam seu texto, então que em cartas se escreva.

“Algo se endereça quando escrevemos para”

(de Anna K., em correspondência fabulatória entre ela e Artaud, publicada em 2018)

O que se endereça aqui, minha cara, é a resistência. Resistir nessas “linhas de dizer, ou seja, as correspondências, demasiadamente imbricadas nessas linhas de vida”. Gosto disso. *Linhas de dizer, linhas de vida...* Foi Brigitte Diaz que escreveu em seu livro de 2016, “O gênero epistolar ou o pensamento nômade”, na p. 13. Depois olha lá.

Fico por aqui.

Sempre atenta,

V.

\*\*\*

[Carta rascunho]

Diamantina, 16 de outubro de 2018.

E.,

Escrevo ouvindo Beethoven.

Já dizia Virgínia Woolf, a educação muda a paisagem.

[não consigo achar onde

Teclado como se seguissem suas notas, embora não entenda nada de música. Não preciso entender mesmo... isso aqui está uma porcaria. Será que sai alguma coisa de boa daqui?

Escrever... aproveitar essa intensidade... e estou bem no adágio. Em que movimento se escreve? Adagio, alegre, andante, piano?

Não tenho a pretensão de escrever como música, mas é preciso emitir algum ruído.

Escrevo em meio a afetos... mas não o sentido ordinário de um afeto, logo sinônimo de sentimento. Os afetos são paixões, afecções do corpo e a ideia dessa afecção.

Corpo.... relação de partes extensas, em certa proporção de movimento e repouso, com a capacidade de afetar e ser afetado – a múltipla capacidade de ser afetado. No encontro... na relação...

[Espinosa

Estes corpos, neste corpo-lugar. O próprio lugar é uma relação... não estaria eu explicando demais? Eu não deveria falar de cartas e geografias? O que isso, afinal, tem a ver com isso tudo?

Escrevo... mesmo só em um deserto povoado...

Escrevo – com a música, com a luz da minha sala, com o vento que me abraça, com esse relevo enrugado como testemunha. Sinto a velhice de milênios me atravessar.... Este encontro, agora, alegria. Este encontro, agora, aumento de minha capacidade de ser e agir.

[falta o resto

\*\*\*

Rio de Janeiro, 11 de setembro de 2018.

Caro E.,

Fiquei muito alegre com sua carta de parabéns! É tão bom receber um feliz aniversário, assim, tão pessoal. Hoje é tudo por WhatsApp, Facebook, quando muito, e-mail. Adoro todas essas formas de carinho online, mas você pode imaginar minha alegria quando abri a caixa de correio! Um verdadeiro presente.

Que feliz você ter ido a Santiago e se lembrar de mim. Que bom você aceitar minha sugestão e conhecer o Museu da Memória e dos Direitos Humanos. Com certeza, foi um dos pontos mais fortes de minha visita à cidade. E acabo de reparar que escrevo em 11 de setembro, quarenta anos após o golpe militar que depôs Salvador Allende, e mergulhou o Chile inteiro em sangue e dor. Muito oportuna a visita, frente ao grave momento em que estamos vivendo no Brasil. As bestas estão às soltas. Espancam pessoas que declaram seu voto contrário à barbárie. Mataram o gigante mestre de capoeira e militante negro Moa de Katendê, não sei se ficou sabendo. Andam destruindo e queimando livros, isso não te assusta? O início da República de Weimar completará cem anos ano que vem.... que não se tenha um filósofo como guia desse fascismo tropical versão pornochanchada. O ódio cria outra paisagem.... E não temos nada em nosso país dedicado de forma permanente à lembrança do horror pelo qual passamos com a longeva ditadura civil-militar brasileira. Sintomático.

Você não encontrou o poema de Victor Jara? Que estranho. Vou escrever aqui. Por que precisamos resistir.

**Somos cinco mil**  
**nesta pequena parte da cidade.**  
**Somos cinco mil.**  
**Quantos seremos no total,**  
**nas cidades e em todo o país?**  
**Somente aqui, dez mil mãos que semeiam**  
**e fazem andar as fábricas.**  
Quanta humanidade  
com fome, frio, pânico, dor,  
pressão moral, terror e loucura!  
Seis de nós se perderam  
no espaço das estrelas.  
**Um morto, um espancado como jamais imaginei**  
**que se pudesse espancar um ser humano.**  
Os outros quatro quiseram livrar-se de todos os temores  
um saltando no vazio,  
outro batendo a cabeça contra o muro,  
mas todos com o olhar fixo da morte.  
**Que espanto causa o rosto do fascismo!**  
Colocam em prática seus planos com precisão arteira,  
sem que nada lhes importe.  
**O sangue, para eles, são medalhas.**  
A matança é ato de heroísmo.  
**É este o mundo que criaste, meu Deus?**  
**Para isto os teus sete dias de assombro e trabalho?**  
Nestas quatro muralhas só existe um número  
que não cresce,  
que lentamente quererá mais morte.  
Mas prontamente me golpeia a consciência  
**e vejo esta maré sem pulsar,**  
**mas com o pulsar das máquinas**  
**e os militares mostrando seu rosto de parteira,**  
**cheio de doçura.**  
E o México, Cuba e o mundo?  
**Que gritem esta ignomínia!**  
**Somos dez mil mãos a menos**  
**que não produzem.**  
Quantos somos em toda a pátria?  
**O sangue do companheiro Presidente**  
**golpeia mais forte que bombas e metralhas.**  
Assim golpeará nosso punho novamente.  
**Como me sai mal o canto**  
**quando tenho que cantar o espanto!**  
Espanto como o que vivo  
como o que morro, espanto.  
**De ver-me entre tantos e tantos**  
**momentos do infinito**  
**em que o silêncio e o grito**  
**são as metas deste canto.**  
O que vejo nunca vi,  
o que tenho sentido e o que sinto  
fará brotar o momento...

O eterno retorno do intolerável.... ou, na pena de Marx, a história se repete uma vez como tragédia e outra como farsa...

Ufa! Precisamos respirar, se não nos afundaremos em angústia e esqueceremos o desejo, a alegria... e tudo, o necessário para resistir. Precisamos da arte!

Pois então, fui ao cinema hoje para comemorar meu aniversário. Estava passando *Boyhood* em uma mostra de Richard Linklater no Cine Jóia. Você vai adorar esse cinema. Esse filme mexeu comigo... tem um trecho que eu gostaria de compartilhar com você que me faz pensar muito sobre aquele nosso papo sobre cartas e geografia (essa conversa infinita!). Olha só que lindeza:

Mãe: [Mason está saindo para a faculdade] Esse é o pior dia de minha vida.

Mason: Como assim?

Mãe: [Começa a chorar] Eu sabia que esse dia estava chegando. Eu só... Eu não sabia que você iria ficar feliz pra caralho por estar indo.

Mason: Bem, não é que eu esteja assim tão feliz... o que você espera?

Mãe: Sabe o que estou percebendo? Minha vida está indo. Assim. Essa série de marcos. Casar. Ter filhos. Divorciar. O momento que eu pensei que você fosse disléxico. Quando eu te ensinei a andar de bicicleta. Divorciar... de novo. Ter meu título de mestre. Finalmente ter o trabalho que eu queria. Mandar Samantha para a faculdade. Mandar você para faculdade. Sabe o que vem depois? Hum? A merda do meu funeral! Vai logo, e deixa minha foto!

Mason: Você não está pulando, assim, uns 40 anos por aí?

Mãe: Eu só pensei que teria mais.

Que tal? Eu acho que você não assistiu... pelo menos nunca comentou nada comigo. Vou te contextualizar. Em *Boyhood*, a gente acompanha a trajetória dos personagens Mãe, Mason, Samantha e Pai de forma linear ao longo de doze anos. São quase três horas de embates, conquistas, frustrações, amores, desencantos, enfim, singularidades dos movimentos inerentes à própria vida. O destaque do filme é justo como se fundem a temporalidade ordinária e a temporalidade cinematográfica. Eu digo isto porque o material é resultado de uma filmagem que durou doze anos para os atores, projetando na tela em 165 minutos o crescimento, transformações e envelhecimento de cada um.

Agora, quero compartilhar o que pensei sobre o nosso papo (você sabe como eu assumo um tom mais grave e formal nessas horas).

Passam doze anos em dois cronômetros diferentes. *A vida está indo*. Casar, ter filhos, divorciar, ensinar, casar de novo, divorciar de novo, obter título de mestre, conquistar o trabalho desejado, mandar os filhos para a faculdade, envelhecer.... Acontecimentos que deixam marcas. Dá até para dizer que o verdadeiro personagem do filme é a temporalidade da vida cotidiana. Eu fico me perguntando: como converter em cinematográfica a temporalidade ordinária?

Em *Boyhood*, é tornando visíveis as marcas dessa passagem de tempo. Onde essas marcas se realizam? Por mais que acontecimentos e corpos em geral marquem o tempo, é no corpo humano o lugar que melhor se faz presente essa temporalidade. Rugas, cabelos brancos, troncos alongados ou curvados, manchas de sol, arranhões: marcas talhadas no corpo, resultado de um movimento inerente à própria natureza.

As marcas são projetadas em tela grande no filme. Mas podem estar inscritas em cartas! É aqui que quero chegar na nossa conversa. Podem ser cartas públicas ou de arquivos privados... De maneira semelhante ao filme, é possível acompanhar a trajetória de ilustres ou de desconhecidos. Mas não de forma linear! E sim seguindo as pistas de seus afetos geográficos, determinados pela experiência no lugar, nos encontros. As marcas no corpo carregam consigo os lugares de suas experiências! Ou, em outras palavras, o corpo humano é "um guardador de lugares", dispositivo de ação, testemunho de vivências... Eguimar Chaveiro define assim o corpo humano, em texto de 2012, lá pela p. 253.

Preciso te lembrar, estou falando dos afetos como pensado por Espinosa na monumental “Ética” – li uma excelente tradução dos grupos de estudos espinosanos da USP, publicada em 2015. Já ouvi dizer de suas andanças pelas poderosas letras de nosso holandês, então você deve lembrar que o filósofo do século XVII definiu nessa sua principal obra que os corpos, em suas constantes relações com outros corpos, não param de afetar e serem afetados uns pelos outros, sendo afeto uma transição de um estado do corpo a outro estado.

Deste modo, pode ocorrer de um corpo ao encontrar outro tenha aumentada a sua potência de agir, o seu esforço em perseverar na existência – o seu *conatus*, havendo uma composição entre eles. Um bom encontro, portanto. Porém, também pode ocorrer de um corpo ao encontrar outro tenha essa potência diminuída, havendo, assim, um mau encontro.

Os afetos, portanto, podem ser alegria, amor, tristeza, ódio, medo, encantamento, estranhamento, aconchego, conforto, comunhão, entre uma infinidade.

Uma conversa sobre geografia e cartas pode caminhar no relevo dos afetos, promovendo um entrecruzamento entre geografia e literatura, explorando as possibilidades desse encontro, as temporalidades não-lineares. Sem mais gavetas separadas. Vamos “revirar estas gavetas, misturando os saberes que cada uma contém no transcurso da interface do conhecimento”, como escreveram Eduardo Marandola Jr. e Lucia Gratão, nesse livro de “Geografia e Literatura”, publicado em 2010 (exatamente na página 8), de que falávamos no nosso último encontro.

Temos muito a pensar, não é mesmo?

Preciso ficar por aqui, E. Certo do prosseguimento dessa troca.

Com carinho,

V.

\*\*\*

Rio de Janeiro, 4 de julho de 2018.

A gente não sabe direito para quem a gente escreve. Mas existe, por trás do que a gente escreve, o desejo do encontro ou o desejo de mobilização do outro

Ana C.

Algo se endereça quando escrevemos para.

Ana K.

Caro E.,

Muito instigante tua proposta. Escrever sobre cartas e geografia. Ou melhor, como se pode, desde a geografia, trabalhar com cartas? Estou como que sobre cartas e geografias – avisa a Ana K. que peguei seu título de um texto de 2017 emprestado.

Bem, meu querido amigo, devo dizer, tenho mais dúvidas que certezas – e há algum problema / ideia / pensamento que seja movido por certezas? “Escrever cartas é mais misterioso do que se pensa” .... disse Ana C. em “Escritos do Rio” (a edição de 2016. Está na p. 231. Pode conferir).

A começar pelo formato. Para onde vai essa carta? Espero que para um cantinho gostoso, um lugar amoroso. Preciso te lembrar que esta carta não é um esforço literário, muito menos acadêmico, não te vais querer publicar, oras! Ai, estaria eu fazendo literatura mesmo sem o querer? E. M. de Melo e Castro diria que sim... Mas não necessariamente de literatura da melhor qualidade... Assim ele endereça em carta-ensaio no ano 2000... A propósito, cartas são literatura? Precisam ser literatura?

Ando lendo muito Ana C (especificamente “Escritos do Rio”, na edição de 2016, já te disse). Não tenho dúvidas de que ela está na sua biblioteca! Aliás, faz anos que você me prometeu conhecê-la. Ela parece sempre caminhar em um limiar... Parece sempre estar fingindo... Quem seria ela, afinal? Bem, por suas cartas não teremos pistas precisas. Ela diz que na prática da correspondência tudo é aparentemente muito simples, pois estariam nessas linhas o nosso verdadeiro eu.... Seríamos totalmente sinceros ao escrever uma carta. Mas a observação atenta pode nos conduzir a percursos tortuosos... “A limpidez da sinceridade nos engana, como engana a superfície tranquila do eu”, diz ela na página 231. Todavia...

A correspondência pessoal demanda que sejamos inteiros. E veja só o que mais escreve, ainda na página 231:

a literatura mexe com essa contradição: desconfia da sinceridade da pena e do cristalino da superfície; entra a fingir para poder dizer; nega a crença na palavra como espelho sincero.

E por que se escreve cartas? Qual o destino de uma carta?

Ana C. diz, também, na página 294, que “a gente não sabe direito para quem a gente escreve. Mas existe, por trás do que a gente escreve, o desejo do encontro ou o desejo de mobilização do outro”. Algo se passa quando se escreve....

Mas a carta então é literatura?

Genviève Haroche-Bouzinac escreveu que a carta “caracteriza-se pela instabilidade de suas formas e flexibilidade de seu uso” (na página 13 de seu livro “Escritas epistolares”, de 2016). Tem ainda uma outra autora, francesa também, Brigitte Diaz, que na página 11 da sua obra “O gênero epistolar ou o pensamento nômade”, fala de cartas como “textos ‘híbridos e rebeldes’, que transitam entre categorias vagas, sem serem classificadas como arquivos, documentos e ou testemunho”.

“Literatura não é documento”, escreveu Ana C. em sua dissertação de mestrado (ela foi publicada na coletânea “Crítica e Tradução”, em 2016). Pode, todavia, digo eu, ser fonte, na busca por compreender como as pessoas, em outros tempos, relacionavam-se com os lugares em sua contemporaneidade, um legítimo encontro entre uma geografia histórica e uma geografia humanista, que busca o lugar e centraliza a discussão a partir dele. Poderíamos, então, estar falando de uma geografia histórica humanista, que encontra na literatura epistolar a sua fonte – necessário lembrar-te, caro amigo, que nem as todas fontes são documentos. Nesse sentido, as cartas podem ser utilizadas, igualmente, estabelecendo paralelos ou expressões geográficas e históricas. Pode ser, sim, uma geografia histórica humanista com literatura – sendo assim, por que não? – um empreendimento entre geografia e literatura.

As cartas, afirmadas enquanto literatura, não documentam a experiência. Quando falo da experiência vivida de alguém, isso não significa que devemos conhecer a biografia do autor, ou mesmo buscar compreender uma obra como reprodução direta de seu contexto. Experiência vivida não é biografia. Por mais que resulte em determinado artefato, a experiência é algo que escapa por todos os lados e não poderá ser encontrada diretamente no resultado daquilo que produz.

A experiência vivida, a meu ver, deve ser compreendida nas dimensões do sensível, do pré-cognoscível, do corpo, das marcas do corpo, na narrativa e no discurso, mas é preciso ter em mente que, ainda assim, não será possível apreendê-la em sua totalidade.

O que eu quero dizer é que não há uma transposição direta das experiências pessoais para a escrita, como se fosse uma autobiografia. As cartas partem de uma experiência pessoal, mas a transcendem, uma vez que escrever uma carta é uma experiência em si, de transformação de si, muito além, portanto, de uma reprodução direta da experiência exatamente como ocorreu (escrevo inspirado em Peter Pal Pelbart, em instigantes textos publicados em 2015 e 2017).

As cartas não são reflexo de um espaçotempo. O que não quer dizer que sejam imunes a ele. As cartas, portanto, são um modo de existência da experiência, com implicações diretas sobre outros modos de existência.

Neste momento me lembrei de trecho escrito por Eduardo Marandola Jr. e Lúcia Gratão, se não me engano em 2010 (acabo de conferir, na p. 9). Eles dizem que o interesse da geografia pela literatura

quer mais do que identificar elementos “reais” [ou “representações”, eu acrescentaria] na descrição das paisagens e dos lugares. Quer estabelecer um entrelaçamento de saberes que se tecem também pelos fios de entendimento da espacialidade e da geograficidade, enquanto elementos indissociáveis de qualquer narrativa ou manifestação cultural.

Eles concebem esse interesse para além do reconhecimento de elementos reais ou mesmo desviando-se do entendimento de uma criação literária ou artística em geral como representação, mas pensando em um lugar singular, que existe ali, naquelas cartas, em um mundo epistolar. Dessa maneira, estaríamos desviando da ideia de que a geografia de uma criação literária estaria somente em sua transposição para a realidade além da literatura (essas palavras têm muito a ver com a leitura de Wenceslao de Oliveira Jr., em texto de 2010. Eu te envio no final as referências completas). As cartas podem conter uma dimensão geográfica, que se atesta no encontro - pensamento afetado pelas letras marcadas no papel.

É por isso que interpretar é criar! Diante de toda essa potência fabulatória, carta é literatura, então é produção, uma criação que, enquanto tal, é outra coisa mais que uma objetificação (espero que você não se importe d'eu aproveitar trechos de sua carta!).

No entanto, essa aproximação, pensar com as forças do Fora, expressa um desafio e um convite: como liberar toda a potencialidade desse encontro, esse lugar sem fronteiras no entrecruzamento das humanidades ou o que pode o encontro entre cartas e a geografia?

Podemos pensar na potência do meio. Algo que só pode ser produzido naquele lugar, ou melhor, em determinado lugar. A potência do meio está na produção de uma carta que só pode ser produzida em um certo lugar, no encontro, entre experiências vividas em certo lugar, não outro - experiência singular. A potência do meio guarda seu tempo e realiza certo fenômeno. O meio guarda, envolve, reúne uma potência, e, a depender dos encontros, ensinam determinados afetos.

Esse encontro desagua em escrita, encontro outro. Escreve-se para mobilizar alguém (Ana C.), com um destino. Escrever uma carta e enviá-la remonta a um par de ações inerentes à sua feitura e finalidade. "Uma carta sempre chega ao seu destino", bem lembrou Zizek (na p. 18 em obra de 2010).

O envio não significa necessariamente a recepção da correspondência. Uma carta escrita, mas guardada, ou mesmo rasgada, foi expedida, de certa maneira. Repare, meu caro, não falo em destinatário, mas em destino: escrever uma carta é ato de exercício do pensamento (essa frase de impacto, bem que eu havia pensando nela, e não é que Brigitte Diaz e Jürgen Siess a escreveram em 2006?).

De qualquer maneira, escreve-se para depois. Lembro de ter lido uma resenha de José Castello sobre o livro com o correio de Manuel Bandeira e Mário de Andrade: o verdadeiro interlocutor de uma carta é a posteridade (sabe que guardo recortes de jornais. Essa foi publicada no Estado de S. Paulo em 24 de outubro de 1999).

Avançando com o jornalista, quero dizer que o destinatário, à primeira vista considerado um dos elementos primordiais definidores do gênero epistolar (Lúcia Rebello é especialista em cartas e sobre isso escreveu em 2013 e 2014), pode não ser peça tão fundamental assim. Mesmo o registro - formal ou informal - e o conteúdo, à primeira vista condicionados por quem receberia a carta, endereçam igualmente as fronteiras (e seus ultrapassares) delimitadas no ato de escrever.

O que as cartas têm de diferente? Seria essa (imensurável) capacidade de fabulação camuflado em uma escrita de si? (Vamos ler o que Ana C. escreveu em 2016, Ana K. em 2017 e Pelbart também em 2017, por favor!).

Ana K., na página 115 daquele artigo de 2018, nos enviou o seguinte recado: "algo se endereça quando escrevemos para". O pensamento exposto na carta muito provavelmente não é de cunho geográfico, isto é, não pensa a geografia, ou não se dedica de forma direta à geografia, mas pode reverberar em nós geograficamente (mais uma vez penso em Wenceslao de Oliveira Jr., no mesmo texto de 2010). Escrever para, então, é escrever com, deixando a carta falar para o nosso lugar, para o nosso tempo. Nos dar a pensar.

As cartas são aberturas, mundos realizados, mundos possíveis. Entre as sendas que despontam habita um desafio para aqueles que enveredam nesse emaranhado epistolar: articular a carta, buscar um sentido-palavra, desdobrar com bibliografia, interpretar o texto, enquanto o investiga, aprofunda. Uma vez (des)posicionado no entre da diluição das fronteiras entre ciência, filosofia e arte, dedicar-se aos devires, às próprias fabulações,

dando potência à literacidade das cartas. O processo inclui um *estar à beira...* (Ana K assim escreve para Artaud, em 2018).

Crio nos encontros com lugares que me atravessam, com a carta que leio. Pode, daí, se desdobrar um pensamento geográfico que busca o lugar e centraliza nele a discussão. Criando. Atento às formas do lugar (forma sonora, forma gustativa, forma tátil, forma visual, por exemplo), aos signos do lugar, atento aos corpos em encontro que compõem certa experiência. Sempre disponível aos encontros. Permitir-se ser afetado pela escrita. Endereçar....

Com isso, fico por aqui.

Certo de que nossas trocas continuam.

Com um abraço,

I.

P.S.: É possível fazer uma leitura de cartas que vá além do biográfico.

P.S.<sub>2</sub>: Para além de qualificar a carta como literatura, esse encontro é mais uma possibilidade de ampliar a conversa da geografia com seu Fora. As correspondências carregam tintas a serem borradas pela geografia.

\*\*\*

Nota de agradecimento:

A Aline Medeiros, pela ajuda na leitura, seleção e organização das cartas.

A Viviana Ribeiro, pela leitura e primeiras impressões.

A Matheus Rodrigues, por participar do processo.

## Referências

BOYHOOD - Da Infância à Juventude (Boyhood). Direção: Richard Linklater. Produção: Ricahrd Linklater, Jonathan Sehring, John Sloss e Cathleen Sutherland. EUA: IFC Productions, DetourFilmproduction, 2014. 1 bobina cinematográfica (165 min.).

CASTELLO, José. Uma ponte aérea lírica do Curvelo à Barra Funda. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 24 out. 1999. Caderno 2, p. 205. Disponível em: <acervo.estadao.com.br>. Acesso em 19 jul. 2016.

CASTRO, E. M de Melo e. Odeio cartas! In: GALVÃO, Walnice N.; GOTLIB, Nádia B. (Org.). **Prezado senhor, prezada senhora**: estudo sobre cartas. São Paulo: Cia das Letras, 2000. p. 11-17.

CESAR, Ana Cristina. Escritos do Rio. In: CESAR, Ana Cristina. **Crítica e tradução**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016a.

CESAR, Ana Cristina. Literatura não é documento. In: CESAR, Ana Cristina. **Crítica e tradução**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016b.

CHAVEIRO, Eguimar F. Corporeidade e lugar: elos da produção da existência. In: OLIVEIRA, Livia de; MARANDOLA JR, Eduardo; HOLZER, Werther. (Org.). **Qual espaço do lugar?** São Paulo: Perspectiva, 2012. p. 249-280.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. 1874 - Três novelas ou "O que se passou?" In: DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs - vol. 3**: Capitalismo e esquizofrenia 2. Trad. Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnik. Revisão técnica Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Editora 34, 1996 [1980].

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?** 3. ed. Trad. Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. São Paulo: Editora 34, 2010 [1991].

DIAZ, Brigitte. **O gênero epistolar ou o pensamento nômade**. Trad. Brigitte Hervot e Sandra Ferreira. São Paulo: Edusp, 2016.

DIAZ, Brigitte; SIESS; Jürgen. **L'épistolaire au féminin**: correspondances de femmes (xviii<sup>e</sup>-

xx<sup>e</sup> siècle). Caen: Presses universitaires, 2006. Disponível em: <<http://books.openedition.org/puc/10213>>. Acesso em: 11 jul. 2018.

ESPINOSA, Bento de. **Ética**. Trad. Grupo de Estudos Espinosanos. Coordenação da tradução Marilena Chauí. São Paulo: Edusp, 2015.

HAROCHE-BOUZINAC, Geneviève. **Escritas epistolares**. Trad. Ligia Fonseca Ferreira. São Paulo: Edusp, 2016.

JARA, Victor. **Estádio Chile**, 1973. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/victor-jara/667848/traducao.html>>. Acesso em: 4 jul. 2018.

KIFFER, Anna. Correspondência fabulatória – entre Ana K. e A. Artaud. **Vazantes**, Fortaleza, v. 2, n. 1, 2018.

KIFFER, Anna. Estou como que sobre cartas e extravios. **Revista de Males**, Campinas-SP, v. 37, n. 2, p. 547-557, jul.- dez. 2017.

MARANDOLA JR., Eduardo; GRATÃO, Lúcia Helena Batista. Geograficidade, Poética e Imaginação. In: MARANDOLA JR., Eduardo; GRATÃO, Lúcia Helena Batista. (Org.). **Geografia & Literatura: ensaios sobre geograficidade, poética e imaginação**. Londrina: Eduel, 2010. p. 7-15.

OLIVEIRA JR., Wenceslao Machado de. Rumo às entranhas – um percurso pelo rio até o Coração da Treva. In: MARANDOLA JR., Eduardo; GRATÃO, Lúcia Helena Batista. (Org.). **Geografia & Literatura: ensaios sobre geograficidade, poética e imaginação**. Londrina: Eduel, 2010. p. 99-119.

PELBART, Péter Pal. Experiência em Foucault. In: KIFFER, Ana; GUIMARAENS, Francisco de; ROCHA, Maurício; ANDRADE, Paulo Fernando Carneiro de. **Michel Foucault no Brasil** (Org.). Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Nau, 2015.

PELBART, Péter Pal. Da dessubjetivação nomádica à subjetivação herética: Foucault, Agamben, Deleuze. In: KIFFER, Ana; PELE, Antonio; GUIMARAENS, Francisco de; ROCHA, Maurício; BECKER, Rafael (Org.). **Reinvenções de Foucault**. Rio de Janeiro: Lamparina; Capes; Faperj, 2017.

REBELLO, Lucia Sá. Sêneca, da vida e da obra: ideias inspiradoras e atuais. In: SÊNECA, Lucio Anneo. **Sobre a brevidade da vida**. Trad. Lucia Sá Rebello, Ellen Itanajara Neves Vranas, Gabriel Nocchi Macedo. Porto Alegre: L&PM, 2013.p. 7-21.

REBELLO, Lucia Sá. Ars poética de Horácio – o texto original. **Organon**, Porto Alegre, v. 29, n. 56, p. 259-277, 2014.

WOOLF, Virgínia. **Three Guineas**. London: Hogarth Press, 1938.

ZIZEK, Slavoj. **Como ler Lacan**. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.